

NARRATIVA E TRAJETÓRIA: ANSEIOS E MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Paula Bárbara Miranda Camilo¹, Anderson da Cunha Baía²

¹Universidade Federal de Viçosa, paula.camilo@ufv.br

²Universidade Federal de Viçosa, andersonbaia@ufv.br

Resumo: Este texto reflexivo foi desenvolvido no âmbito da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes. Conta, a partir de um diálogo com o conceito de *Rizoma* de Deleuze e Guattari (1995), as tramas que constituíram-me professora de Educação Física, bem como os processos que levaram a uma reflexão sobre a formação de professores de Educação Física, mostrando os desafios de ser uma *professorapesquisadora*.

Palavras-chave: Educação Física, Narrativa, Professora, Rizoma.

1. Introdução

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997, p. 187)

Este texto trata-se de um breve panorama sobre as tramas que me constituíram professora e pesquisadora até aqui. Buscarei, em minhas palavras, mostrar-lhe minhas indagações a respeito de um tema que sempre permeou meus interesses de pesquisa: a formação de professores. Aqui conversarei sobre minhas dificuldades, dúvidas, carências profissionais e críticas, a partir da narrativa autobiográfica enquanto método; estabelecendo, quando assim for necessário, um diálogo com autores que permearam e ainda permeiam a minha vida acadêmica e profissional.

Como é possível inferir a partir da citação de Maria Isabel da Cunha que escolhi para iniciar este tópico, as narrativas possibilitam que os sujeitos se expressem sobre seu cotidiano (ALVES, 2000). Para complementar,

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. (CUNHA, 1997, p. 188)

Dessa forma e entendendo que a produção de narrativas é uma alternativa para o processo formativo, compreendo as minhas dificuldades em escrever sobre o vivido e buscarei transpor essa barreira neste texto. Olhando para mim mesma, almejo ampliar as possibilidades de ação-reflexão-ação da prática docente através da história que contarei.

Portanto, peço-lhe licença para falar em primeira pessoa do singular e adianto-lhe que experienciar essa forma de escrita é uma aventura que prestei-me a tentar, escapando de um paradigma dominante de pesquisa no qual muitos de nós estamos envolvidos. Convido você, querido leitor, a conhecer um pouco dos anseios e memórias de uma jovem professora de Educação Física.

2. Desenvolvimento

Pensar a formação dos professores é algo que vem sendo amplamente discutido nas pesquisas em Educação, na tentativa de promover discussões crítico-reflexivas para sanar as deficiências encontradas e contribuir para o desenvolvimento profissional. No que se refere à Educação Física no Brasil, essas problematizações vem ocorrendo com mais intensidade a partir do final da década de 70, quando um grupo denominado “comunidade de especialistas” começou a promover debates sobre a intervenção profissional do licenciado em Educação Física, propondo a implantação do curso de bacharelado, visto que a área de atuação profissional estava se ampliando (VERONEZ et al, 2013). Reformas educacionais ocorridas na década de 90 foram as responsáveis por promover a reestruturação desses cursos de graduação e, a partir daí, fixaram-se resoluções e diretrizes curriculares que firmaram a divisão do curso em licenciatura e bacharelado.

As áreas da licenciatura vêm sofrendo desprestígio ao longo dos anos. A desvalorização da carreira docente é latente, os salários são baixos e os planos de carreira não são nada atraentes. Com a Educação Física não poderia ser diferente e a falta de estímulos para seguir como professor tende a agravar a situação. Na verdade, essa é uma crise que atinge todos os lados do sistema educacional. Mesmo sabendo desses desafios que enfrentaria, escolhi a profissão docente como carreira. Fortemente influenciada por uma professora em especial, que demonstrava amar o que fazia e enxergava na educação possibilidades de emancipação do sujeito que me encheram os olhos.

No entanto, algumas questões referentes à formação de professores se mostraram pertinentes, pois senti a necessidade de transformar conhecimento em ação e articular bem a teoria a prática. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), os currículos dos cursos de licenciatura devem contemplar essa relação constante entre a teoria e prática desde o início do curso, ampliando as possibilidades de desenvolver práticas reflexivas mais próximas da prática profissional. Durante meu processo de formação, a teoria muitas vezes sobrepôs a prática.

Penso que essa dicotomia bem delimitada entre a teoria e prática, contribui para um modelo ineficiente de formação de professores, pois implica em uma valorização dos saberes teóricos, destinando muitas vezes uma maior carga horária para eles. Cunha (2009, p.87) compreende a docência como atividade complexa, que exige acompanhamento constante dos avanços investigativos na área pela multiplicidade dos saberes e conhecimentos inerentes a ela. Afirma que “os professores geram conhecimentos práticos a partir de sua atuação e reflexão sobre a experiência acadêmica e vão à procura da sistematização teórica para compreender suas opções cotidianas”, o que caracteriza uma eficiente articulação entre a teoria e a prática.

Outras reflexões também ocorreram durante a graduação em momentos de discussão, onde a carência de disciplinas de cunho pedagógico da Educação Física ficava explícita. Logo, veio a primeira grande interrogação da minha caminhada formativa: se o processo de

formação de professores sofre claramente com a pouca disponibilidade de disciplinas que sustentam a licenciatura, quais são as dificuldades relacionadas à adequação do currículo?

Apesar de haver programas como o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) – do qual tive o prazer de fazer parte –, para dar um maior embasamento teórico-prático à formação docente, através da aproximação com a realidade escolar, ainda é possível observar lacunas não preenchidas, uma vez que não serão todos os estudantes de licenciatura que participarão de iniciativas do tipo. Ao meu entender, essas lacunas deveriam ser preenchidas ao máximo pelas disciplinas oferecidas, mas na verdade o que ocorre é uma evidente marginalização da licenciatura em muitos departamentos de Educação Física.

Historicamente, a disciplina de Educação Física na educação básica é sobrepujada quando comparada às outras disciplinas consideradas “úteis” e entendendo a escola como meio de transmissão do conhecimento sistematizado e democrático, isso não deveria acontecer. Baía e Moreno (2002, p.94), dizem que “a Educação Física como disciplina no universo escolar deve exercer a mesma função das demais disciplinas tidas como ‘tradicionais’, sendo portadora de conteúdos específicos que devem ser transmitidos com a função de contribuir para a totalidade do conhecimento”. Os autores ainda complementam dizendo que os conteúdos da disciplina vêm sofrendo com certo esvaziamento, onde o professor considera em suas aulas apenas aqueles conteúdos com os quais possui uma maior afinidade, negando o acesso aos demais de igual importância. Além disso, não é incomum encontrarmos professores que abdicaram de sua função docente – os famigerados “rola-bola” – e se colocam como meros fiscais do momento de Educação Física. Momento sim, aula não. Pois considero descabido chamar de aula uma prática que em nada contempla o fazer do professor de Educação Física.

Saber da existência de uma cultura escolar que subjuga a Educação Física é diferente de *sentir* na pele como esse mecanismo se materializa.

No meu primeiro ano de formada, fui designada para ministrar aulas de Educação Física como substituta na escola onde estudei boa parte da minha vida. O primeiro contato foi um tanto quanto preocupante. A diretora da minha época ainda estava em seu posto, bem como muito dos meus professores – agora colegas de profissão – que me diziam para mudar de profissão, que ainda estava nova e com tempo de vida para encontrar uma nova função laboral. Fiquei decepcionada, mas nem um pouco surpresa, pois entendo a frustração, o comodismo, a falta de estímulos que culmina em professores tristes e desmotivados perante a escola.

Os desafios eram diários. Os próprios alunos não entendiam a Educação Física enquanto disciplina. Para eles era um momento de tempo livre, de descanso das aulas chatas que absorvem sua energia. Para contrapor essa lógica, explorei das mais variadas formas atividades de caráter lúdico e que dessem a chance de aumentar a participação nas minhas aulas. A improvisação foi minha melhor amiga a essa altura. Deu certo, quebrei o gelo! E comecei a aprofundar nos conteúdos da disciplina.

Tudo que corria bem, até que uma das antigas professoras resolveu deixar um castigo a um aluno indisciplinado: ficar sem aula de Educação Física. Na minha concepção, este tipo de ação punitiva em nada contribui para o aprendizado do aluno em questão, além de corroborar para uma associação errônea das aulas de Educação Física com momentos de lazer e tempo livre. Obviamente não permiti que esse castigo se concretizasse o que gerou um grande mal estar perante a professora. Ela se dirigiu a diretora para reportar a minha falta de apoio argumentando que, por esse ocorrido, ninguém a respeitaria mais em sala de aula.

Agora te convido a refletir comigo: faz sentido adotar como prática de castigo escolar

privar o aluno de assistir determinada aula por indisciplina em outra? E se fosse aula de matemática ou geografia, aconteceria o mesmo? Cortando na minha própria carne, assumo que conheço muitos professores que legitimam essa prática, através do abandono docente. Porém enquanto educadora, luto pela legitimação da educação como um todo; não por um conteúdo ou outro; não por uma disciplina ou outra. Sinto falta de poder contar com mais professores assim nas práticas cotidianas escolares. O que observo, na verdade, é um discurso muito bonito e cor-de-rosa de uma educação básica para todos, quando, na verdade, o que vejo é um espaço escolar marcado por disputas territoriais.

As redes que me compuseram professora e, a posteriori, pesquisadora¹, permitem um diálogo com um conceito que muito me agradou: *rizoma*. Como podemos notar na imagem abaixo, os troncos podem se fortalecer, ramificar, crescer, mudar de direção...

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.35)



Figura 1. Ilustração de rizoma

Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995, p.32) adaptaram da botânica o conceito de rizoma para designar uma dinâmica em que os pontos estão interligados. O rizoma “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza”. A graduação, o Pibid, o trabalho na escola não foram premeditados, eles simplesmente aconteceram. Dentro dessa perspectiva filosófica de rizoma, pude me perceber enquanto um conjunto de agenciamentos e produções. Estes acontecimentos da minha história pessoal produziram o que sou hoje.

¹Não que as funções docentes e de pesquisa se distanciem, muito pelo contrário, são fundamentais uma para outra. Quis apenas colocar em uma ordem cronológica como me identifiquei com determinados papéis sociais: primeiramente como professora e, agora como *professorapesquisadora*.



3. Considerações finais

A formação de professores de Educação Física está muito além das quadras e bolas e sempre foi provocativa para mim. Minhas reflexões, a vontade de mudança e o compromisso com uma educação de qualidade trouxeram-me até o Mestrado em Educação, lugar privilegiado com abundante possibilidade de ressignificação das minhas práticas de professora. E o exercício da narrativa autobiográfica permitiu uma revisita a um passado não tão distante, que possibilitou (re)conhecer os sentidos e significados que a prática docente assume na minha vida. Eu sou um rizoma! Composta por redes e elementos que produzem quem eu sou hoje, da mesma forma que produz mais redes e mais elementos.

Utilizo-me de uma frase escrita por Deleuze e Guattari (1995, p.24) que diz que “é impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir”, para que possamos refletir – alunos, professores, diretores, coordenadores... – que é urgente que *sejamos formigas*, buscando sempre reconstruir nosso formigueiro por mais que ele pareça devastado pelas forças que insistem em nos nivelar e levar para baixo. Com isso, reitero meu desejo de contribuir cada vez mais para uma formação sólida em Educação Física, para que tenhamos professores capacitados e que entendam a partir da função social da Educação Física, as necessidades encontradas no ambiente escolar.

Referências

- ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBHE, 2000.
- BAIA, Anderson Cunha; MORENO, Andrea. A Educação Física no Colégio de Viçosa (1944-1980): um olhar para a história. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. X, n.02, p. 86-97, 2002
- CUNHA, Maria Isabel. O lugar da formação do professor universitário: o espaço da pós-graduação em educação em questão. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 81-90, jan/abr, 2009.
- CUNHA, Maria Isabel. Conta-Me Agora! As Narrativas como Alternativas Pedagógicas na Pesquisa e no Ensino. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo: FE/USP. vol. 23 n. 1-2, jan/dez, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- VERONEZ, Luiz Fernando Camargo et al. Diretrizes curriculares da Educação Física: reformismo e subordinação ao mercado no processo de formação. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. Porto Alegre. vol.35, n. 4. out./dez, 2013